



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao depoimento do brasileiro Carlos Eduardo Beckerman, morador de Haifa



Assista ao flagrante da queda de um míssil na cidade de Haifa (norte de Israel)

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

Israel prevê guerra longa

Governo de Benjamin Netanyahu espera a campanha militar “mais complexa de sua história” e descarta negociar até que Teerã desmantele o programa nuclear. Irã condiciona diálogo ao fim da “agressão”. Mísseis ferem 45 pessoas em Haifa

» RODRIGO CRAVEIRO

Fadel Senna/AFP



Socorristas israelenses entram em prédio atingido por míssil balístico iraniano, na cidade portuária de Haifa (norte): bombardeios recorrentes

A guerra entre Israel e Irã entra em seu oitavo dia sem perspectivas de uma trégua. Durante reunião de quatro horas com os ministros das Relações Exteriores de Alemanha, França, Reino Unido e da União Europeia, em Genebra, o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, anunciou que Teerã está disposto a “considerar” um retorno à diplomacia com os Estados Unidos somente “depois que a agressão israelense cessar”.

O chefe do Estado-Maior de Israel, tenente-general Eyal Zamir, afirmou que prevê um conflito longo e histórico. “Estamos lançando a campanha mais complexa de nossa história. (...) Devemos nos preparar para uma campanha prolongada”, avisou. “Apesar do progresso significativo, dias difíceis nos aguardam. Estamos nos preparando para muitas eventualidades.”

No início da tarde de ontem, 23 mísseis balísticos foram lançados pelo Irã em direção ao sul, ao centro e ao norte de Israel. Um deles atingiu um prédio na cidade portuária de Haifa (norte) e deixou ao menos 45 feridos — um adolescente está hospitalizado em estado grave. Uma mulher sofreu um infarto e não resistiu, enquanto estava no bunker, em Karmiel (norte).

O premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, visitou o Instituto Weizmann, centro de pesquisas de Rehovot (centro) destruído por um ataque iraniano na quinta-feira. “Estamos testemunhando, aqui, a mobilização e a força do povo, sua disposição em arcar com os custos para remover a ameaça existencial que paira sobre nossas cabeças”, declarou, ao avisar que “os tiranos de Teerã pagarão um preço alto”.

A Força Aérea israelense realizou vários bombardeios ao Irã, destruindo lançadores de mísseis no sudoeste do país e atacando a capital, Teerã, onde teria atingido um centro de pesquisa nuclear. Além da tensão ante a escalada do conflito, os iranianos foram surpreendidos por um terremoto de magnitude 5,1 na escala Richter (aberto, raramente chega a 9), com epicentro a 37km a sudoeste de Semnan, no norte. Não houve relatos sobre feridos.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, declarou que Israel não tem capacidade para destruir as instalações subterrâneas da central nuclear de Fordow e recusou-se a pedir um cessar-fogo ao aliado. “Acho que é muito difícil fazer esse pedido agora. Se alguém está vencendo, é um pouco mais difícil do que se alguém estivesse perdendo. (...) Israel está indo bem, em termos de guerra, e o

Irã não está tão bem. É um pouco difícil fazer alguém parar”, disse. Na quinta-feira, Trump afirmou que Israel não tem capacidade para destruir as instalações subterrâneas da central nuclear de Fordow e recusou-se a pedir um cessar-fogo ao aliado. “Acho que é muito difícil fazer esse pedido agora. Se alguém está vencendo, é um pouco mais difícil do que se alguém estivesse perdendo. (...) Israel está indo bem, em termos de guerra, e o

chanceler do Irã acusou Israel de “tração ao processo diplomático”. Araghchi garantiu

que vi caiu do lado do prédio do governo. Duas pessoas ficaram feridas gravemente. Quando esses mísseis atingem o solo, não tem jeito, pode esperar que haverá feridos.

O sistema Arrow-3 intercepta bem, mas eles estão usando mísseis cada vez mais rápidos. Estes são os ataques mais agressivos e incessantes contra a Haifa. Durante a guerra contra o Hezbollah, eles lançavam mísseis Katyusha. Poucos caíram, pois eram menores e mais fáceis de serem interceptados. Agora, quando

que Teerã se reuniria com representantes de Washington, em 15 de junho, para elaborar um “acordo muito promissor”. Depois de condicionar o diálogo ao fim da ofensiva israelense, ele acrescentou que era “favorável à continuidade das negociações com o E3 (Alemanha, França e Reino Unido) e a União Europeia”.

Danny Danon, embaixador de Israel na ONU, descartou uma pausa nos combates. “Não vamos

jogar 20 ou 30 mísseis balísticos hipersônicos, um acaba escapando e caindo. Vivemos um momento mais tenso. É uma guerra contra o Irã, muito mais forte do que o Hezbollah e o Hamas. Todo mundo aqui está com uma tensão bem alta. Dessa vez, estou mais tenso e preocupado em saber quando isso acabará e o que vai acontecer.”

Carlos Eduardo Beckerman, 47 anos, advogado paulista, mora em Haifa desde 2020, onde trabalha em uma fábrica

Arquivo pessoal



iranianos e 25 israelenses. A mídia estatal do Irã cita 639 iranianos mortos e 1.326 feridos.

Acordo

Para Seyed Hossein Mousavian, analista do Programa sobre Ciência e Segurança Global da Universidade de Princeton e negociador sênior nuclear do Irã entre 2003 e 2005, Teerã e Washington precisam de acordos de curto e de longo prazo.

Eu acho...

Arquivo Pessoal



“A poderosa resposta do Irã destruiu todos os cálculos de Israel e da Otan. Agora está claro para todos que Israel não pode continuar esse desastre autoinfligido sem o envolvimento direto dos Estados Unidos na guerra. A continuação dessa situação poderia levar à queda do governo Netanyahu. A entrada dos EUA faria com que o conflito se espalhasse pela região, e sua continuação poderia se transformar em uma guerra transregional.”

Seyed Hossein Mousavian, analista do Programa sobre Ciência e Segurança Global da Universidade de Princeton, negociador sênior nuclear do Irã entre 2003 e 2005

“O primeiro deveria ser o que Steve Witkoff (enviado especial da Casa Branca) e Abbas Araghchi (chanceler iraniano) acordaram durante as três primeiras rodadas de negociações em Omã. O Irã aceitaria o nível mais alto de transparência, para remover todas as dúvidas e ambiguidades do programa nuclear. Teerã exportaria ou diluiria o estoque de 60% de urânio enriquecido para remover a preocupação sobre a bomba atômica. Por fim, enriqueceria urânio abaixo de 5%, o nível necessário para fins civis”, explicou ao **Correio**. Ele lembrou que, por conta da pressão israelense, Trump recuou.

O ex-negociador iraniano acrescentou que também serão necessárias tratativas de médio e longo prazo. “Os acordos criariam um consórcio nuclear regional, um enriquecimento multilateral no Golfo Pérsico, em que Irã, Arábia Saudita e países aliados dos EUA teriam um programa conjunto de enriquecimento nuclear multilateral. Seria a melhor maneira de construir confiança”, avaliou Mousavian.

De acordo com ele, Israel não pode continuar a guerra sem apoio dos americanos e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). “Israel, em coordenação com os EUA e a aliança ocidental, atacaria o Irã partindo do pressuposto de que, em duas semanas, poderia destruir as instalações nucleares, derrubar o governo, criar instabilidade, e tornar o país um Estado falido; antes de destruí-lo.”

Conexão diplomática



Por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Encruzilhada para o Brics e o Brasil

É o futuro do Brics, principalmente, que está em jogo na guerra entre Israel e o Irã, pela perspectiva da diplomacia brasileira. Os chefes de Estado e de governo do bloco emergente se reúnem dentro de duas semanas, no Rio. A República Islâmica integra o bloco desde o ano passado, e não poucas vezes, entre os observadores do cenário, entendem que a situação coloca em xeque a relevância geopolítica da formação.

A nova crise no Oriente Médio se soma a outros desafios enfrentados pelo Brasil durante seu período exercendo a presidência rotativa do grupo. Desde sua fundação, de início com os cinco países que formam a sigla (Brasil, Rússia, Índia,

China e África do Sul), o Brics apresentou-se como uma articulação de vocação econômica e comercial. A ampliação, iniciada em 2024, com o ingresso de mais seis membros plenos e oito países parceiros, sinalizou o propósito de tornar mais ouvida a voz do chamado Sul Global também no plano político.

Uns e outros

Embora tenha a Rússia entre os sócios fundadores, o Brics não tomou partido em favor de Vladimir Putin no conflito iniciado com a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022. China e Brasil, por iniciativa bilateral, procuram formar um

grupo de países neutros que se dispõem a trabalhar pela abertura de diálogo direto entre as duas partes. Até aqui, sem sucesso.

No tabuleiro do Oriente Médio, a posição e o movimento das peças se mostram mais complexos. A nova formação do bloco inclui, entre os membros plenos, além do Irã, mais quatro países muçulmanos: Egito, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Indonésia. Salvo esta última, porém, os demais mantêm com o regime iraniano antigas e importantes diferenças, no terreno religioso e no da geopolítica regional.

Em todos eles predomina a vertente sunita do islã, majoritária em

escala global, mas minoritária no Irã. Étnica e culturalmente, são populações árabes, enquanto os iranianos são, no fundamental, persas. Nos últimos anos, Teerã tem procurado se aproximar dos vizinhos do Golfo Pérsico, em especial da monarquia saudita.

Com o Egito, os esforços esbarram ainda nas cicatrizes do período que se seguiu à Revolução Islâmica de 1979. O então presidente egípcio, Anwar Sadat, provocou a ira do aiatolá Khomeini e da liderança iraniana ao dar asilo para o deposto xá Reza Pahlevi, que o regime islâmico pretendia julgar por crimes, como tortura e morte de opositores. Teerã rompeu relações com o Cairo

em represália também ao acordo de paz recém-assinado com Israel.

O retamento de relações formais, já no século 21, requereu a renomeação de uma rua de Teerã batizada em homenagem a um dos militares egípcios que assassinaram Sadat, em 1981.

Rota interrompida

Os pesados danos impostos pelos bombardeios de Israel sobre a infraestrutura iraniana, em uma semana de guerra, podem ter implicações diretas na ambiciosa iniciativa da China para restabelecer, em bases atuais e globais, a milenar Rota da Seda. A empreitada tem importância vital no âmbito do Brics e alcance que vai muito além do bloco emergente.

O Irã, pelas dimensões e pela localização geográfica, é estratégico

para a conexão da China com o Oriente Médio e o Mediterrâneo. E, dali, com a Europa, a África e a costa atlântica da América Latina.

Um a menos

A cúpula do Rio não deverá ter a presença do líder de um dos sócios fundadores. Vladimir Putin tem contra si um mandato de prisão expedido pelo Tribunal Penal Internacional, que o acusa de crimes de guerra na Ucrânia. Como signatário do tratado que estabeleceu o TPI, o Brasil estaria obrigado a cumprir a ordem.

Pela mesma razão, o presidente russo deixou de comparecer à reunião do bloco em 2023, na África do Sul. Foi representado pelo chanceler Sergei Lavrov. Em julho, no Rio, Putin estará de novo faltando à mesa.